

MUNDARÉU

MUNDARÉU - UM PODCAST DE ANTROPOLOGIA
Uma parceria entre o LABJOR/Unicamp e o DAN/UnB

Quarta temporada
Episódio #21: “Todo laboratório é sobre pessoas”

Transcrição do episódio: Gabriel Marçal
Revisão da transcrição: Irene do Planalto Chemin e Soraya Fleischer

Roteiro

LEGENDA:

Blocos

Sonoplastia

Vinheta de abertura: “Já foi”, de Janine Mathias. Samba com violão de sete cordas, cavaco e guitarra, surdo, triângulo e ganzá. Toada leve e envolvente se introduz pela melodia instrumental. A voz feminina canta:

Pra que esperar se eu sou movimento?

Pra que questionar inventaram o tempo

É hora, agora, já foi

É hora, agora, já foi

ABERTURA

Daniela: Oi, pessoal! Estamos de volta com a quarta temporada do Mundaréu e esse é o episódio 21. Nesta temporada, a gente vai trabalhar com o tema da ciência a partir da Antropologia, e principalmente como que o feminismo afeta a ciência.

Soraya: E outra novidade é que a gente vai levar as pessoas conosco dessa vez, nessa temporada. Nesses últimos meses a gente passou visitando universidades, laboratórios, projetos de pesquisa. E a gente foi até lá conhecer essas cientistas, essas pesquisadoras. Então, a gente vai provocar vocês [falando mais baixo] mais ao pé do ouvido.

Daniela: Isso. Mas a gente vai tentar continuar com este formato que a gente gosta. Eu e a Sóra dialogando com as pesquisadoras, comentando as conversas. E trazendo sempre uma interlocutora pra conversar com a antropóloga nos nossos episódios. Então, a gente continua apostando nesta Antropologia **com**.

Soraya: Nesse episódio, a gente vai conhecer a Marisol Marini e a Sandra Ávila. Uma antropóloga e a outra “computeira”. É isso mesmo, daqui a pouco você vai entender esse ótimo termo que ela usa para definir a profissão dela. Lá no campus da Unicamp, a gente foi conhecer o Instituto de Computação.

Daniela: E eu, que frequento a Unicamp há décadas, nunca tinha entrado no Instituto de Computação! Então, a gente vai levar vocês junto conosco, a gente vai levar vocês pra conhecer esse espaço através da fala da Sandra sobre ele, ela vai descrever pra gente onde ela trabalha. E aí depois a gente vai entender um pouco de como que a Marisol conheceu a Sandra. E aí, finalmente, a gente vai trazer pra vocês um pouco da conversa que nós tivemos com elas, falando sobre como o feminismo perpassa o tipo de ciência que elas produzem.

Soraya: É... nessa gravação que a gente fez lá no IC, várias pessoas da equipe do Mundaréu tavam com a gente. Vocês vão conhecer então, nesse episódio, as vozes da Fernanda Mariath, do Gabriel Marçal e da Clarissa Reche.

Daniela: Eu sou a Daniela Manica, antropóloga e pesquisadora da Unicamp.

Soraya: E eu sou a Soraya Fleischer, antropóloga e professora da UnB.

Transição musical: “Já foi”, de Janine Mathias. Toada leve e envolvente se introduz pela melodia instrumental. A voz feminina canta:

É hora, é hora, agora já foi, laialaia, já foi
Vamos brincar, já foi
Laialaia, já foi

BLOCO 1: Conhecendo o mundo das computeiras

[Ambientação do Instituto de Computação: vozes de fundo, ruídos]

Daniela: É, eu acho que a gente podia ir, né? É, e o áudio não vai ficar tão bom. Tentando aproveitar, mas aí a ideia é a gente fazer um tour no seu laboratório.

Clarissa: Fiquei curiosa porque você falou que ele é lindo.

Sandra: Ele é lindão.

Marisol: Vocês sentiram orgulho, né? **[Risadas do grupo]**

Clarissa: Eu quero ver. Eu quero ver a beleza desse laboratório aí **[risos]**.

Daniela: E aí se der pra gente fazer uma conversa na sua sala.

Sandra: Tá. Então bora. Então mostrar pra vocês, gente, o IC. **[Ambientação externa, leve som de vento, passos]** Tá chovendo, mas é bem pouquinho, tá? Vai deixar mais bonito. Então vou virar aqui pra frente, tá? Então, quando a gente entra aqui no prédio

principal, então tem, tem uma arte aqui na frente, aí tem, tem duas pessoas que são bem importantes na computação, né? E um é um homem, que é o Alan Turing, e o outro é a mulher que é a Ada Lovelace, né? E a Ada Lovelace ela foi a primeira pessoa, não é a primeira mulher, é a primeira pessoa, né, na verdade que idealizou a ideia de que era um algoritmo, né? Então pegou algo que tava lá, né? Matemático e propôs de fato colocar uma sequência de passos ali pra poder fazer coisas, né, computáveis. Então, é uma pessoa muito, muito, muito, muito importante na nossa área, tá? Então, tem duas pessoas representando aqui, né, de fato a computação. E aí a gente entra e vai pro prédio aqui, é, principal. E eu, e eu conto um pouquinho dessas histórias, mas bem rapidamente, tentando inclusive trazer mais mulheres, então, a primeira pessoa que desenvolveu um negócio chamado compilador, né? Que roda, executa os programas, também foi uma mulher que foi a Grace Hopper, e tem várias coisas que possivelmente foram inviabilizadas e talvez a gente não saiba, né? Então deve estar, deve ter acontecido outras coisas que a gente não está sabendo, mas, mas hoje a gente conta. Então, hoje a gente tem procurado e contado mais de fato.

Daniela: Daí, a Fernanda, da equipe do Mundaréu, fez mais um comentário.

[Canto de bem-te-vi e som de chuva batendo no guarda-chuva ao fundo da fala da Fernanda e da Sandra]

Fernanda: Tem a questão também da computação ali de ter sido um campo bem feminino, né? E depois com a introdução dos *personal computers*, dos computadores, acabou transicionando muito pros homens porque esse mercado de jogos, computadores, era um mercado de marketing taxado como masculino, né?

Sandra: Foi um pouquinho disso, né? É porque antes até chamava, eram as computadoras. Então, o nome não era nem computadores, as pessoas eram literalmente as mulheres que faziam os cálculos, né? Então, mexendo em alguns fusíveis, mexendo em algumas coisas, em computadores que eram gigantescos, né? Que ocupavam a sala gigante, eram toneladas, né? De, de equipamento e depois transformou em tudo o que a gente tem hoje no celular é muito mais potente do que aquilo que ocupavam as salas, né? E e aí o que, o que foi acontecendo foi que, era, olha era um negócio que era muito, eu vou falar nesses termos mas a gente sabe que não é isso: “Ah, era uma tarefa muito simples”, então mulheres poderiam fazer, quando o negócio vai começando a ficar desafiador, mulheres não podem fazer, e os homens foram ocupando esse espaço.

[Sons de passos, ruídos e vozes de fundo]

Sandra: Então, bora. Então a gente tá entrando aqui agora no Instituto, que é o ambiente aqui, é, compartilhado, né? Então aqui é pra todo mundo, então pros alunos... Na verdade eu até costumo brincar, agora eu vou aqui falar de universidade, né? A universidade não tem portão, né gente? Não tem portão, é de todo mundo. Entra que é seu, né? Aqui não é diferente, né? Então, tem lugares que vai tá fechado, então tem máquinas que só tem acesso pras pessoas que fazem parte daqui, mas ele é um ambiente, é bem colorido e tem várias coisas escritas, então remetendo ideias,

inovação, café que é muito importante pra gente [risada]. E aí eu queria mostrar o laboratório pra vocês, o que a gente chama de laboratório. A gente sobe aqui, eu acho que é mais fácil subir escada, tá? É só um andar.

Robô: [Pip, pip, apito baixo do computador que autoriza a entrada no espaço] Pressione novamente. Pressione novamente. [Porta se abrindo]

Sandra: Olá, olá. Gente, vou atrapalhar vocês aqui um pouquinho. Trazendo uma galera. Diga aí se meu Lab não é bonitão?

Irene: Nossa, é lindo!

Sandra: A gente tem um monte de gente aqui, tá todo mundo da antropologia, não, né? Só a, a galera da Humanas... pode ser da Humanas? Posso definir vocês como a galera das humanas?

Irene: a gente se orgulha [risada].

Sandra: A galera da Humanas, né? E a gente vai fazer tá, fazendo aqui umas conversas bastante interessantes... eu posso dizer “conversas bastante interessantes”?

Soraya: Claro!

Sandra: Né, porque não tem um tópico, eu acho.

Soraya: Não?

Sandra: A gente tá conversando. Eu não tô vendo. Eu só tô falando.

Soraya: A gente tá falando bastante da presença das mulheres também né? Na ciência da computação, da diversidade.

Sandra: Ah, isso sim, mas esse tópico eu já falo tanto que eu acho que eu estou falando só, né? Mas é verdade, verdade.

Soraya: A gente tá gravando o episódio de um *podcast*, a gente tem um *podcast*...

Sandra: É, o Mundaréu.

Estudante do Laboratório: Como?

Sandra: Mundaréu.

Soraya: Que é uma parceria entre a UNICAMP e a UnB. É um episódio que vai dialogar... a Sandra, ela vai dialogar com Marisol. Então é uma antropóloga e uma... Como é o nome? Programadora, não?

Sandra: Uma computeira. Cientista da computação. Computeira eu acho bonito o nome, computeira. Mas não, não é um nome oficial, computeira.

Soraya: Computeira... Mas eu gostei desse nome.

Sandra: Mas eu me apresento como computeira. Eu sou computeira, exatamente, é.

Daniela: Como fala o nome do seu laboratório? Recorde?

Sandra: Sem o R. Recod.

Daniela: E o “ponto A-I”?

Sandra: É porque a gente fala a gente fala inglês mesmo. “Dot AI”. A gente acaba que não fala “ponto A-I”, a gente fala “Dot AI”. Recod.ai.

Daniela: Que chique, fala de novo aí pra gravar bem.

Sandra: Recod Dot AI.

Daniela: E o Gabriel, da equipe do Mundaréu, pediu pra Sandra explicar pra gente o nome do laboratório.

Gabriel Marçal: Mas... por que desse nome? Você já falou sobre o nome?

Sandra: Era para dizer que é para você lidar com dados complexos né, então cê pensar o *reasoning* aqui, não é que você quer... é... agora faltou até a tradução do *reasoning* sabe, mas não é só você pegar os dados e fazer o uso dos dados, mas você realmente extrair uma informação que é muito mais complexa, e como é que você extrai essa informação super complexa de dados que já são complexos, né? Só que você contar essa história toda fica difícil [risadas do grupo] na hora que você vai fazer o laboratório, quando você fala bem assim, “ah, o laboratório de inteligência artificial”, e inteligência artificial é o nome que realmente, que as pessoas, é, entendem melhor, então a gente acabou deixando o nome que era, e colocando o “ponto A-I”, de “artificial intelligence” no final para ter a referência. Ele tá até destacado em cor, então o “recod” tá com o nome preto, e o “A-I” tá com, em laranja né, então para poder destacar realmente a questão da Inteligência Artificial, porque é um laboratório sobre inteligência artificial, tá, no sentido de pesquisa né, todo laboratório é sobre pessoas.

Soraya: Eu queria aproveitar, porque a gente já pediu para a Sandra descrever o espaço lá embaixo. Eu queria pedir pra a Marisol descrever esse espaço aqui para a gente.

Sandra: Ah, ótimo, a visão da Marisol. E aí, Marisol?

Marisol: Ah, qual é a minha sensação de estranhamento né... A primeira coisa que me saltou aos olhos foi a... lousa né, não é bem uma lousa, um quadro de vidro para fazer anotações né, e tem um desenho com um rosto meio que com pontos marcados, parece

um pouco, a referência que me veio de cirurgia plástica, mas eu sei que deve ser para identificação de imagem né, enfim. É, me pediram para descrever o espaço e eu tô me perguntando o que ele é e que que tem aqui, né, porque eu não sei quê, que, não sei nem reconhecer, mas acho que, tem ali... Inclusive tem duas pessoas que estão discutindo esses dados que estão nessa lousa, nesse, nesse quadro, né enfim então parece que tem ali, é interessante porque gera esse espaço de reflexão ali né, porque as pessoas ficam em torno desses dados, refletindo sobre ele. Mas aí tem um espaço mais de sociabilidade, mesinhas para sentar coletivamente, sofá, olha que legal né, ter espaço para sociabilidade. E depois disso tem mesas com computadores Dell e Samsung, que parecem, com, com telas grandes, né, que é uma coisa que para a gente não é tão usual né, a gente não costuma trabalhar com computadores tão grandes na, nas ciências sociais, mesmo sei lá, laboratório de alunos, né.

Sandra: A gente até se recusa a trabalhar quando não tem um monitor... [risada]

Daniela: [risada] É?

Soraya: Vocês são bem acompanhados de máquinas né...

Sandra: sim

Soraya: é máquina para entrar, é máquina para copiar, é máquina pra ver...

Sandra: Desenvolvendo máquinas. [risadas]

Soraya: Desenvolvendo máquinas.

Marisol: Tem janelas. Parece que tem uma visão do telhado do prédio, mas mais ao longe, tem um horizonte. Tem até um verde no horizonte.

Irene: Uma bela vista né.

Marisol: É.

Soraya: Mas tem bem mais máquinas do que gente aqui dentro.

Marisol: Tem.

Daniela: É, tem.

Soraya: E uma coisa interessante que eu achei que a Sandra falou que em alguns lugares, tem, não têm ar condicionado pra aula, mas no lugar onde tem as máquinas tem ar condicionado. Não é interessante?

Daniela: É porque as máquinas precisam de ar condicionado. As pessoas, não [risada].

Soraya: Não?

Marisol: Eu acho que as máquinas, elas são mais, é, temperamentais com, com mudança de temperatura, né? A gente ainda tem uma, tipo, a nossa a regulação térmica eu acho que é mais flexível talvez. Ou a gente pode de fato se sacrificar mais do que as máquinas.

Daniela: Acho que a gente é mais resiliente né, com a oscilação.

Marisol: As máquinas se rebelam, né? Param de funcionar, dão pau.

BLOCO 2 – Sobre máquinas, problemas e pessoas

[Transição musical: Som sintetizado grave, melodia rápida acompanhada por pandeiro com batidas bem marcadas].

Soraya: Bom, no último bloco, né Dani, a Sandra apresentou para gente o prédio do Instituto de Computação, com seus grandes murais, o rosto da Ada Lovelace e tudo mais. Eu queria te perguntar, Dani, o que você sentiu nesses espaços?

Daniela: Nossa, você viu, muitas frases né, escritas nas paredes do térreo?

Clarissa: [Lendo as frases impressas nas paredes do térreo]. Hello! Work hard, dream big. Idea, loading. coffee. Think outside the box. [risos].

Daniela: É todo um mundo em outra língua, né? Tudo em inglês. E aí, lá no “lab bonitão”, que é o laboratório da Sandra, eu gostei de ver como eles criam espaços para sociabilidade, sofás confortáveis, café, chocolate... É um espaço mesmo de trabalho coletivo que as pessoas também podem descansar, né, sair da frente do computador. Porque aí os espaços mesmo possibilitam que as pessoas se encontrem e conversem.

Soraya: É, eu achei também tudo muito colorido, as paredes, os armários... Parecia esses espaços que a gente vê por aí de coworking. Acho que eles de fato investem muito né, em pesquisas colaborativas, ou ao menos a Sandra investe.

Daniela: Sim, parece que sim. O laboratório tava bem cheio de pesquisadores e todo mundo muito conversando... E foi bem legal conhecer esse espaço. Mas aí pra gravar, a gente pediu pra Sandra nos levar pra uma sala menor, mais fechada, pra gente ouvir ela e a Marisol conversarem.

Soraya: Isso. Ali, a gente começou a entender uma coisa que a Sandra falou no bloco anterior: como lidar com informações super complexas, sobre dados que já são complexos. Isto, para mim, parece muito Antropologia, né, Dani?

Daniela: Sim, eu acho que a gente também lida com complexidade ainda que a natureza dos dados não seja exatamente a mesma né, a gente também tenta dar conta de fenômenos e de situações muito complexas. E ainda mais quando a Sandra fala, né, que o RECOD.AI é um laboratório que, sobre pessoas, né? Muito interessante isso. E aí a Marisol vai contar também um pouco de como que ela fez etnografia de laboratório em outros contextos.

Marisol: É... Eu tava trabalhando num projeto de pós-doc que era vinculado né, um desdobramento da minha pesquisa de doutorado com corações artificiais né, então, eu eu trabalhava, trabalhei no doutorado com pesquisadores, com pessoas da área da cardiologia e da bioengenharia que desenvolviam esses dispositivos, é, de assistência circulatória né, que eles chamavam de Coração Artificial. Então, a tentativa era desenvolver algoritmos pra transformar esses dispositivos, torná-los mais responsivos né. Eu, eu tava abordando um tema que era novo para mim, que era inteligência artificial, é, mas na mesma rede de pesquisa. Então assim, sobretudo com bioengenheiros, é, em sua maioria homens, brancos, é, e pessoas com as quais eu já tinha um diálogo antigo, né, enfim. Eu entrei no campo de pesquisa fazendo uma disciplina de pós-graduação na, no departamento de Bioengenharia, é, e desenvolvi uma interlocução muito próxima. Então acompanhava eles em congressos, visitava laboratório né, tinha uma interlocução estabelecida já né. Enfim, eu tava um pouco ali... cansada de tentar ter conversas com eles que eu não conseguia desenvolver, que eu também tinha as minhas inquietações mas não sabia como pensar isso em termos, em termos técnicos, em termos tecnológicos né, então, como alguém que produz Ciência e Tecnologia poderia trazer soluções mais matizadas, que trouxesse mais uma preocupação com uma com a diversidade dos corpos, né, eu não conseguia trabalhar isso com eles. E aí eu encontrei nessa, nessa trajetória né de estudar Inteligência Artificial, entender o que que era um pouco esse campo, eu assisti uma mesa sobre inteligência artificial na qual a Sandra participava, e aí eu pensei, “Olha, aí tem alguém trazendo luz a essas problemáticas que eu tento desenvolver com esses meus interlocutores da minha engenharia que eu não consigo desenvolver”.

Sandra: Eu posso, é, complementar, na verdade. Então, a Marisol ela mandou uma mensagem que tinha um título: “Corpo, saúde” e tinha mais uma palavra que é...

Marisol: Materialidades.

Sandra: “materialidades”, e o subtítulo era gigantesco. E aí no e-mail tinha mais um texto enorme e eu li esse email uma vez, aí eu li duas, aí eu li três e eu fiz bem assim, “Gente eu acho que ela mandou para pessoa errada porque aonde é que eu me encaixo aí?”, né. Depois eu li de novo, aí comentei inclusive com outras pessoas, disse “gente, eu recebi um convite que eu acho que não era para mim [risonha], era um convite para outra pessoa”. Aí depois eu mandei uma mensagem né, agradecendo e aí perguntei como é que eu poderia, acho que foi alguma coisa assim, mais ou menos, fazer parte, aí ela me explicou, né, de fato, e aí ela usou termos [risonha] que era os termos que eu conhecia né, então, então falando “aí é pra dialogar, né, com pessoas e falar sobre inteligência artificial”, e aí ela explicou muito mais né do que isso e aí eu fiz, “Legal né, então, então bora”.

Marisol: Aí, então, a pesquisa da Sandra, o trabalho da Sandra me parecia uma oportunidade de, de me aproximar desses bioengenheiros com quem eu não conseguia desenvolver essas questões. Eu pensei que a Sandra era uma ponte entre a gente pra, pra nos ensinar a pensar como que a gente pode tornar tecnologias mais robustas, em termos de torná-las mais diversas, né.

Sandra: Primeiro, antes mesmo de falar Inteligência Artificial, mostrar os problemas. Então imagina pegar um tanto de dado, que é o que hoje tá acontecendo, né, automatizando todos os problemas, então pegar vários dados que tem problemas históricos na sociedade e você entregar aquilo para os modelos e os modelos aprenderem todos esses problemas como se, como se fosse daquele jeito que deveria acontecer né.

Daniela: Quando a gente conversou com a Sandra, ela contou uma história muito interessante e triste sobre a pesquisa dela, dizendo quando ela começou a tentar montar um banco de dados pra criação de uma inteligência artificial pra detecção de câncer de pele. Ela começou a alimentar, e aí ela viu que esses dados todos só traziam lesões em pessoas de pele branca. E aí ela se deu conta que na verdade os dados que identificam lesão de pele em pessoas negras, eles tavam sendo excluídos da amostra, né, propositadamente excluídos da amostra, que são as lesões que acontecem nas mãos, nas unhas e nos pés. E eram excluídos porque se sugeria que eles fossem excluídos, então ela percebeu que tinha ali um, um viés, um problema muito sério que desconsiderava a possibilidade de existência de câncer de pele em pessoas de pele negra. E isso trouxe pra ela vários conflitos que ela vai contar agora pra gente.

Sandra: E aí quando eu me dei conta que eu tava, a gente tava se excluindo, né, desse processo, aí eu falei assim “Não, pera aí, tá tudo errado né, tá realmente tudo errado”. Tipo, eu quero fazer tecnologia para ajudar as pessoas, mas estou agindo contra, tô agindo contra!

Daniela: E aí o que que você fez?

Sandra: Chorei [risos], não eu fiquei realmente assim, chorei, chorei mesmo né, chorei mesmo né. Então, eu chorei, chorei bastante naquele dia porque pensei bem assim “poxa tô fazendo tudo que eu não queria fazer né”. Então as pessoas brincam dizendo bem assim “Ah, a professora Sandra, ela quer fazer umas coisas para mostrar que tem problema”. [risonha] Aí eu fiz “é, gente, a gente tem que mostrar, primeiro a gente tem que mostrar em números, para a gente gritar bem alto, para dizer ‘olha esse negócio não tá funcionando’, e agora vamos chamar a atenção das pessoas para a gente poder resolver, né, essas coisas”.

[Transição musical: som sintetizado, lento, com melodia que lembra gotas, passa sensação de tensão].

Marisol: Tem uma discussão muito recente dessa coisa de falar sobre as catástrofes, falar sobre os fracassos, né, que não é algo que a gente faz né, tipo ninguém publica *paper* falando do, do que deu errado na pesquisa né. Porque a gente aprende muito com os erros. Quando um experimento não dá certo, a gente aprende muito com isso, porque que a gente não fala sobre isso, né?

Soraya: Eu só queria retomar isso que a Marisol falou e pra pensar pra dentro da Antropologia, assim né, como é que você acha, nessas suas andanças por outras

ciências, quando a gente volta para Antropologia como é que a gente lida com fracassos, problemas como diz a Sandra, catástrofes, quando nossos experimentos dão errado?

Marisol: Eu acho que a gente tem uma abertura maior, acho que a gente tem um certo apreço pelo fracasso, né, a gente tira, tira lições de tudo, não é? A gente num... Por exemplo, se a gente, por exemplo, se a gente tenta uma entrada etnográfica que não dá certo a gente já toma isso como tema de pesquisa né, “ah, porque que eu não consegui entrar nesse Hospital, nessa instituição?”, né, “e que tipo de, de controle social tem aqui, que tipo de dado é produzido que as pessoas não tão querendo alguém das ciências humanas?”, né, tudo a gente toma meio como tema de pesquisa, né. Tudo vira objeto da investigação. Não acho que a gente tem domínio dessas discussões, mas eu acho que tem uma abertura para trazer luz para essas questões que, em outras ciências, é muito mais problemático, é muito mais tabu.

Soraya: Concordo com a Marisol, talvez a gente tenha mesmo mais abertura na Antropologia e eu acho que a gente aproveita também os erros que vão surgindo nas nossas pesquisas. Acho mesmo. Daí, eu pedi um exemplo dessa ideia de “fracasso”, um exemplo bem concreto assim na pesquisa dela.

Marisol: Nessa pesquisa sobre inteligência artificial, eu tinha proposto trabalhar com inovação responsável, me engajar com os meus interlocutores pra tentar tornar a produção científica deles mais democrática, mais responsável, né. Tem esse entendimento de que numa área experi, experimental, como essa que eu trabalhava, você prever problemas que aquelas tecnologias, que aquelas intervenções podem produzir é parte da, do compromisso de responsabilidade. E então, assim, eu já sempre trabalhei em áreas interdisciplinares, transdisciplinares, mas, no meu entendimento, [risonha] essa tentativa de tentar produzir inovação responsável foi um fracasso, assim. [risonha] É muito difícil fazer isso, né, porque é isso, porque passa por cada um trabalhar num campo de especialidade e não saber, eu não sei muito bem como levar as questões que eu entendo que, que são relevantes né. Porque, por exemplo, quando a gente pensa em termos de responsabilidade e ética isso para mim envolve todo um campo de questões que pros engenheiros eles estão mais preocupados com questões mais técnicas e pontuais. Desde que eu entrei no campo, eles achavam que eu podia contribuir construindo uma ponte com os pacientes no sentido de assim, “Ah, de repente, você pode conversar com os pacientes e ver que cor de dispositivo eles querem, onde que, como que seria mais confortável para eles implantar”. E eu entendia [risonha] que os problemas eram outros né, que a minha contribuição ali para pensar como produzir ciência responsável passava por um, por um campo de questões que não existe na perspectiva dele.

Sandra: E em relação a ética né, então na hora que você falou eu tava aqui com os olhos assim, Marisol, precisamos conversar mais, sabe! Obrigada, Mundaréu por trazer a Marisol aqui, tá! Então, porque, é no sentido de, tipo, parece uma frase clichê, tá, mas ela é verdade: a gente precisa falar menos de técnica e mais de ética. Tipo todas as coisas que a gente tá desenvolvendo é um problema muito sério, aquilo vai realmente, já tá escalando, sabe? E as pessoas, elas não, têm muita gente que não tá nem sequer questionando aquilo que está acontecendo.

Soraya: “A gente precisa mais de ética do que de técnica”. Eu achei essa frase muito sensacional, essa frase da Sandra é ótima. A gente queria saber mais como isso se aplicava no mundo do treinamento de algoritmos. A gente pediu para ela contar mais sobre isso.

Sandra: Se a gente tá ensinando os algoritmos a gente fazendo várias técnicas para aquele negócio ser mais rápido, ter resultados melhores, mas você não tá levando em consideração, né, a parte ética daquilo que você tá desenvolvendo, gente, a gente tá automatizando né, olha eu tô fazendo um negócio que tá lendo os processos tá dando uma resposta e eu nem tô considerando ali no fato que pra determinadas situações eu deveria fazer de fato um desbalanceamento no processo de treinamento, né. Eu não posso treinar do mesmo jeito como se todos os casos fossem casos né, sei lá, simples, tem casos que são mais complexos. Então, eu não posso pensar só na técnica, eu tenho que olhar aquele problema do ponto de vista ético. O caso do câncer de pele, de pele negra é outro exemplo, né. Então tá, só tem pele branca, e aí eu tô desenvolvendo algoritmos super poderosos né para poder desenvolver aquilo, e aí eu desenvolvo o algoritmo, ele funciona super bem, mas aquilo não pode ser aplicado para todo mundo.

Marisol: Eu queria só comentar, assim, que da minha perspectiva, né, de alguém que trabalha na Ciências Sociais e que tá engajada com inovação responsável, eu não consigo conceber o que pode ser uma boa técnica que não tem um embasamento ético, sabe? Num, eu num... Não faz sentido para mim, é como uma técnica que não, que não seja ética ou que não tem uma preocupação ética pode ser considerada boa. Como, né? Enfim.

[Transição musical: a música vai aumentando aos poucos. Batida com som metálico e agudo, melodia de piano sintetizado].

BLOCO 3: Ciências feministas

Daniela: No final da nossa conversa, a Clarissa, da nossa equipe do Mundaréu, fez uma pergunta ótima pra Marisol e pra Sandra. E aí agora a gente vai pôr pra vocês pra ouvirem uma falando com a outra assim, numa espécie de efeito de ping-pong, e aí a gente vai ver, né, a gente acha que Antropologia e Computação parecem ter experiências bastante semelhantes. Então vocês vão ouvir Clarissa, Sandra e Marisol.

Clarissa: Eu acho que a gente ouviu vocês duas falarem sobre as pesquisas de vocês e essas trajetória dentro da ciência, mas acho que ia ser muito legal pra gente ouvir também a trajetória de vocês dentro do feminismo, porque a gente viu Sandra, que você se apresenta como feminista né.

Sandra: É, eu tive pouquíssimas professoras, é, mulheres e quando eu me tornei de fato professora, né, então aparecia vários meninos, né, então para fazer parte, né, da equipe. É, e eu percebia né que era bem assim os meninos eles vinham né e vinham assim tipo assim, “Ah, eu quero fazer parte, quero fazer pesquisa nisso e nisso e naquilo”. Então,

eles não se perguntavam “Ah, será que eu sou capaz de fazer isso?”. E as meninas não, as meninas elas queriam ter o currículo perfeito, para poder mandar um e-mail, para poder perguntar se podia fazer aquela pesquisa e quando mandava mensagem, elas diziam “Ah, mas eu ainda não sei isso, não sei aquilo, eu também não sei isso, eu não sei aquilo”. Eu falo, “Tá, mas se você soubesse eu não ia fazer isso, você já tinha feito né?”. Então, eu comecei a, propositalmente, a cutucar as meninas. E eu falo isso para as pessoas, porque se você olhar a minha equipe ela tem muito mais mulheres do que homens.

Marisol: Então, eu sempre tive dificuldade de ser reconhecida de certa forma pelos meus pares como uma pesquisadora que tava fazendo pesquisa, né, sobre gênero, sobretudo, depois quando eu fui trabalhar com coração, eu não tava trabalhando com violência doméstica não tava trabalhando com esses temas super clássicos importantíssimos, né, que aqui que mostram esses problemas sociais da, da maior urgência.

Sandra: As meninas, elas demoram mais para perguntar porque elas querem estar num nível de perfeição inexistente para poder dizer que ela pode fazer aquilo.

Marisol: Eu tinha uma dificuldade, mas ao mesmo tempo eu tinha várias aliadas, né, várias, enfim, cientistas sociais, filósofas da ciência, que estavam trabalhando com problemáticas da ciência e tentando trazer, né, abordagens feministas mesmo pra problemáticas que não eram propriamente vistas como problemáticas de gênero.

Sandra: É, eu fiz vários concursos, né, para poder, eu queria ficar muito na Unicamp, então, para entrar como docente. E, e nesses concursos, as bancas muitas vezes era de homens né, só tinha homens, só tinha homens. Na banca, só tinha homens. E aí eu comecei a pensar assim, é, na cor do esmalte que eu tava usando quando eu tava indo para o concurso, então não tava mais usando esmalte vermelho, que você tava falando e parecia que as pessoas estavam chamando atenção ali para o esmalte. É... na roupa, obviamente, né, que eu tava usando e até na fala que eu tava falando. Então, parei, eu simplesmente não falava mais dos projetos de extensão que eu tava lidando.

Marisol: Agora, não era nada fácil e nem bonito dizer que era uma pesquisadora de gênero feminista, assim. Tinha uma desconfiança, assim, eu lembro de conversas, né, com os meus colegas, mesmo nas Ciências Sociais, ali, é, no início dos anos 2000, né. Tinha essa desconfiança de que comprometia a objetividade e, né, essa desconfiança do tipo “Ah, mas você é feminista e vai fazer pesquisa?”, né? Tinha um interesse ali posto que era alvo de desconfiança.

Sandra: Então, na, na época teve um projeto que eu participei que era um projeto para ensinar meninas de escola pública, é, lógica de programação. E aí quando eu contei desse projeto, então, acabou o concurso... tinha um membro da banca que depois ele veio falar comigo. Foi iniciativa dele, e aí ele veio falar comigo dizendo bem assim, “Olha, eu queria te dar um *feedback* em relação ao concurso, né. É... não fala essas coisas de feminista não, pega mal”. Foi em 2016.

Marisol: Tem uma sensibilidade hoje, uma facilidade hoje, de se dizer, é, uma pesquisadora feminista que não existia, não era bonito dizer.

Música de fechamento: A música tema "Já foi", de Janine Mathias, começa aqui e vai ao fundo até depois de terminar as falas do fechamento. Samba com violão de sete cordas, cavaco e guitarra, surdo, triângulo e ganzá. Toada leve e envolvente se introduz pela melodia instrumental. A voz feminina canta:

É hora, agora...

FECHAMENTO

Soraya: Gosto muito como a Marisol vai traçando paralelos, comparações mesmo entre o que ela vê no mundo da Sandra e o que ela traz do mundo da Antropologia. Sabe aquela hora, Dani, lá no Lab do Recod.ai, quando a Marisol tava descrevendo o espaço e comparou os desenhos na lousa de vidro com os desenhos que ela encontrou lá com os bioengenheiros?

Daniela: Aham, é. Depois, naquele email que a Marisol mandou pra Sandra, que a Sandra ficou tentando ler três vezes pra traduzir os termos que a Marisol usou pra conseguir entender o que que a Marisol queria com ela e como que elas poderiam trabalhar juntas.

Soraya: Isso, porque, eu achei muito interessante como as duas o tempo inteiro tão tentando traduzir o que a outra tá propondo, traduzir os termos, né, traduzir o outro mundo, assim, pra dentro do próprio mundo. Eu achei muito interessante, é isso né Dani, acho que elas tão realmente engajadas em se entenderem. Elas não tão apenas falando de coisas pra constar, elas tão tentando encontrar possibilidades de alianças feministas dentro das ciências que elas produzem.

Daniela: Sim, isso é um fazer **com**, né? Elas estão tentando também entender como elas podem fazer uma com a outra algo numa mesma direção, né, que eu acho que é o que nos interessa aqui nessa temporada agora. É... Uma outra coisa foi a discussão sobre o "fracasso" nas duas áreas também. É uma coisa que a gente precisa discutir mais, né, super interessante pra realização das nossas pesquisas, e também para o trabalho de formação que nós, né, como professoras, orientadoras e co-autoras, temos que fazer. Como lidar com o fracasso, como amparar e, ao mesmo tempo, incentivar a sua orientanda depois que ela dá um furo, ou toma um bolo, ou erra com alguma coisa, né? Como lidar com o erro e com o fracasso.

Soraya: No ambiente de formação. E eu fico pensando como é o fracasso pra uma estudante que tá iniciando os seus estudos, ou pra uma pesquisadora que já tem mais experiência... Ou pra alguém, por exemplo, que tá fazendo um concurso docente, como foi o caso da Sandra. Dada essa dificuldade, né, que as mulheres muitas vezes enfrentam para ocupar lugares legítimos na ciência, né, com perguntas válidas, com projetos de extensão bacanas, como a Marisol e a Sandra tão bem mostraram pra gente nesse

episódio. Eu fico pensando, Dani, que o erro e a catástrofe pesam muitíssimo mais para nós, mulheres.

Daniela: Sim, é como se a gente não pudesse errar, né? Eu acho que com esse episódio, que aproxima as ciências da, da Computação e da Antropologia, a gente começa a pensar em saídas criativas e colaborativas pra gente enfrentar as desigualdades que existem dentro da academia, que prejudicam mulheres e outras minorias, ou populações minoritárias né, e encontrar soluções pra fora dela.

Soraya: É, encontrar soluções pras desigualdades que existem pra fora da universidade também, não ficar só falando pra dentro da universidade, né. Eu acho que as pesquisas que as duas fazem, que a Sandra e que a Marisol fazem, tem muita aplicabilidade pra fora. Bom, com esse episódio, então, a gente começa a quarta temporada do Mundaréu! E nos próximos episódios, a gente continua falando de antropologias feministas da ciência e da tecnologia.

Daniela: A gente agradece a Sandra e a Marisol que nos receberam na Unicamp em abril de 2023. E também agradecemos à equipe do Mundaréu de Campinas, que teve em peso nessa gravação e a Irene do Planalto que veio de Brasília pra gravar conosco. Vocês ouviram aqui Fernanda Mariath, Gabriel Marçal e Clarissa Reche. Todas as outras pessoas que compõem a nossa equipe e auxiliam na produção, assim como sugestões de leituras sobre esse tema estão descritas na página desse episódio: <https://mundareu.labor.unicamp.br/>. A música que vai embalar essa temporada é “Já foi”, de Janine Mathias, e a produção musical é de Nicholas Simões Martins, da nossa equipe da Unicamp. O Mundaréu integra a Rádio Kere-kere e recebe o apoio da FAPESP, da FAP-DF, da Unicamp e da UnB.

Soraya: A gente se ouve no próximo episódio! Sempre na primeira semana do mês. Até lá!

Música de fechamento: “Já foi”, de Janine Mathias. A voz feminina canta:

É hora, é hora, agora já foi, laialaia, já foi

Vamos brincar, já foi

Laialaia, já foi. Vamos brincar

Já foi